

Texto: Mariana Pestana e Dele Adeyemo
Tradução e edição: Susana Camanho
Produção: Rita Senra, Pedro Huet
Montagem: Rita Senra, Pedro Huet, João Pedro Trindade, Sara Rodrigues e Rodrigo Camacho
Trabalhos em madeira: Miguel Santos
Design: Mlacedo Cannatà
Programa público: Sara Rodrigues, Rodrigo Camacho
Programa editorial: Maria João Mlacedo
Agradecimentos: Helder Folgado, Capela da Boa Viagem — Núcleo Difusor de Arte e Cultura Contemporânea, Departamento de Cultura da Câmara Municipal do Funchal, Museu A Cidade do Açúcar, Museu de Arte Sacra do Funchal, Esther Céline Gwack, IPRBC KAMMIT, Roberto Santos, Dori Nigro

Parceria:

BOA VIAGEM
Núcleo Difusor de Arte e Cultura Contemporânea

A equipa do Sismógrafo é composta por: Emídio Agra, Rodrigo Camacho, Susana Camanho, Pedro Huet, Maria João Mlacedo, Hernâni Reis Baptista, Sara Rodrigues, Rita Senra e João Pedro Trindade.



O Sismógrafo tem o apoio:



Apoio Criativo
Porto.



CIN

VICOR-MAE

Dele Adeyemo
curadoria de Mariana Pestana
4 Novembro – 9 Dezembro 2023

1

Entrevista com Dele Adeyemo no âmbito da
residência artística realizada na Capela da Boa Viagem,
Funchal, Madeira, 2023
vídeo, som, cor, 12'

2

Vela Negra, 2023
tecido impresso, 10 x 2,80 m

Diagrama Cosmogonia do Capitalismo (Racial), 2020
desenho, dimensões variáveis

3

Ilha do Basalto, 2023
areia negra da ilha da Madeira

Cosmogonia do Capitalismo (Racial), 2020
vídeo, som, cor, 14'

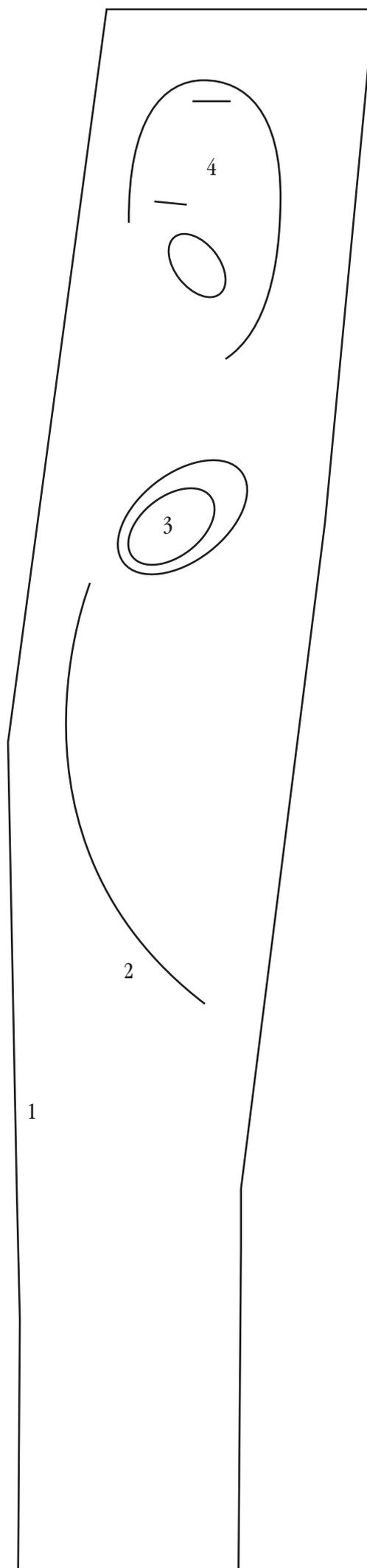
Gravação da performance Black Horizon em Lagos, 2019
vídeo, som, cor, 18'

4

Capela Doce, 2023
extensões de cabelo, açúcar, mdf pintado

impressões fotográficas sobre mdf
84 x 119 cm (x1 elemento)
59,5 x 84 cm (x2 elementos)

Ascensão Kemet, 2023
vídeo, cor, som, 20'



Licor-Mãe

Licor-mãe é o resultado de uma investigação em curso do artista Dele Adeyemo sobre o papel de Portugal naquilo a que chama “cosmogonia do capitalismo racial” — uma série de processos materiais violentos centrados na escravatura atlântica e na produção de açúcar, a partir dos quais surgiu a economia capitalista global. Esta exposição reúne a sua investigação e os resultados de uma residência de um mês, em Julho de 2023, na ilha da Madeira, proporcionada pelo Sismógrafo em parceria com a Capela da Boa Viagem — Núcleo Difusor de Arte e Cultura Contemporânea.

Para Dele Adeyemo, o processo de purificação e branqueamento do açúcar é uma articulação material das hierarquias ecológico-raciais presentes na estrutura do capitalismo que elevou a branquitude ao seu auge. A estratificação inerente à produção do açúcar espelha a estratificação do valor atribuído aos corpos e à terra. O açúcar branco passou a representar a divisão do mundo em, por um lado, o humano representado pela figura do Homem europeu branco e, por outro lado, a matéria geológica desumanizada, tanto corporal (na forma de pessoas africanas escravizadas), quanto mineralógica (na forma de recursos naturais).

O processo de extracção, destilação, filtração e cristalização do açúcar branco refinado foi otimizado na ilha da Madeira para produção em massa de C12H22O11, o ouro branco. Criou-se uma linha de produção que envolvia a extracção de mão de obra escravizada da Costa Ocidental de África; a geo-engenharia da ilha para filtrar a água através das levadas desde o norte, mais húmido, até aos campos de cultivo mais quentes, no sul, bem como o desmatamento brutal do território com a utilização da madeira no abastecimento dos tonéis de ebulição no processo de destilação da seiva da cana.

O xarope viscoso da cana é conhecido como licor-mãe. A partir de meados do século XIV, desenvolveu-se a técnica de esmagar a cana-de-açúcar em moinhos de rolos e colectar a seiva para ser fervida em xarope. O concentrado resultante era removido e despejado em cones de argila invertidos, com um pequeno orifício no vértice que permitia a drenagem da humidade e das impurezas. Através de um processo conhecido como purga ou purificação do açúcar, o licor-mãe era deixado a secar nas formas de barro durante um mês. Purgado de impurezas, o xarope produzia um pão de açúcar sólido estratificado, conhecido como arroba, com grânulos brancos e brilhantes de açúcar puro na parte superior e partículas mais espessas e escuras, usadas para subprodutos de menor valor, na parte inferior.

As plantações de cana-de-açúcar da Ilha da Madeira terão sido um dos primeiros exercícios do capitalismo global racial, o contexto em que se ensaiou uma triangulação transatlântica de expansão económica unindo África, Europa e América na utilização de matérias como recurso e de corpos como força de trabalho. Desprovidos de relações sociais e afectivas, tanto os corpos como as matérias sofrem uma transformação neste processo.

A primeira parte desta exposição narra a história do comércio transatlântico a partir de duas perspectivas simultâneas — a perspectiva europeia, ilustrada em mapas e pinturas, e a perspectiva africana, descrita em artefactos e

esculturas criados no reino do Benin, Yoruba. Se o Planisfério de Cantino demonstra uma relação de poder assente numa lógica infraestrutural, mostrando portos, torres e fortes, e representa rotas náuticas que testemunham um imaginário europeu de expansão, já os marfins ditos “Bini-Portugueses”, produzidos por artífices de etnia Edo no Reino do Benim ou a máscara da Rainha Mãe Idia representam outras visões do mundo assentes em simbologias alternativas. Da sobreposição das duas resulta um diagrama (impresso sobre o tecido amarelo) e um filme, projectado no chão sobre areia preta trazida da ilha. A cosmogonia do capitalismo, enquanto ordem social racializante, emerge nesta reflexão dialéctica sobre culturas materiais em oposição.

A segunda parte da exposição foca-se no território da ilha da Madeira contemporâneo e nos efeitos dos subprodutos do capitalismo racial global ali encetado. Da residência e investigação de Dele Adeyemo resultou um filme, aqui projectado sobre açúcar branco, num plinto que evoca o pão de açúcar, a forma habitual em que o açúcar refinado era produzido e vendido até finais do século XIX. O filme decorre no instituto de beleza IPRBC KAMIT gerido pela esteticista e terapeuta holística camaronesa Esther Céline Gwack, reflectindo, por um lado, sobre a longa presença de corpos negros envolvidos no trabalho físico em território português e, por outro, sobre o carácter do instituto enquanto espaço seguro e de comunidade que nutre e oferece conforto. O tríptico evoca a religiosidade católica da cosmogonia europeia, subverte-a, celebrando as personagens femininas do instituto de beleza, representadas como ícones religiosos entre o que parecem ser flores exóticas africanas mas que, na verdade, são plantas trazidas pelos colonos, e objectos de trabalho como o secador de cabelo ou a máscara UV. Numa vontade de reconfigurar os corpos negros que dançam no Planisfério de Cantino, Dele Adeyemo reposiciona-os numa espacialidade que constitui um novo altar.

A cosmogonia da expansão transatlântica portuguesa não pode ser dissociada da sua dimensão religiosa. No caso particular do açúcar, matéria precursora do capitalismo racial global, os nomes da doçaria conventual — papo de anjo, toucinho do céu, ovos celestes, sonhos — carregam ambivalências. Produto de um labor feminino confinado, enfatizam um universo idílico religioso, leve e fofo, que contrasta com a realidade violenta das plantações da matéria essencial e a disfarça.

Em Sebastião José, a escritora Agustina Bessa-Luís critica os penteados fora-de-moda do Marquês de Pombal e argumenta que a abolição da escravatura por ele encetada no território continental não teve outro motivo a não ser o de encher os cofres do estado, obrigando a que todo o trabalho fosse taxado. Num relato mais recente sobre a sua chegada ao aeroporto de Lisboa, a jornalista Clara Ferreira Alves revela que o trabalho de serviços em território português é hoje assegurado em grande parte por corpos migrantes e racializados. Na doce afectividade do pentear e outros gestos de cuidado, Licor Mãe resgata dos resíduos, da impureza, do fundo do cone do pão de açúcar, um subconsciente europeu. Usa o próprio léxico da doçura, da ternura, para lembrar que há outra forma de imaginar o mundo, que as cosmogonias nascem dos gestos que as produzem.

DELE ADEYEMO é um artista, arquiteto e teórico urbano Escocês/Nigeriano (1985) a viver em Londres (Reino Unido) e em Lagos (Nigéria, Golfo da Guiné). Na sua prática artística, investigação e pedagogia, interroga os processos de racialização incorporados na criação de espaço. Através do desenho, do filme e da instalação, o seu trabalho emprega uma estética Negra transdisciplinar que explora culturas incorporadas de movimento e circulação para celebrar os imaginários espaciais da vida Negra quotidiana em África e na diáspora. Os projetos de Dele foram apresentados internacionalmente, incluindo as 13.ª e 18.ª Bienais de Arquitetura de Veneza, a 5.ª Bienal de Design de Istambul e a 2.ª edição da Bienal de Lagos. Em Julho de 2022, inaugurou a sua primeira exposição individual, *Wey Dey Move: Imagining New Worlds Through Dance and Masquerade*, no Het Nieuwe Instituut, em Roterdão. Dele recebeu as bolsas de estudos JAE Fellowship e Canadian Centre for Architecture & Andrew Mellon Fellowship e uma bolsa de investigação Het Nieuwe Instituut Research Fellowship. Está a concluir um doutoramento financiado pela CHASE-AHRC intitulado “Last Dark Continent” no Centre for Research Architecture da Goldsmiths, Universidade de Londres, e leciona Arquitetura no Royal College of Art em Londres.

MARIANA PESTANA (1982) vive e trabalha em Lisboa. É arquitecta, curadora e investigadora. Doutorada em Arquitectura pela Bartlett School of Architecture (2019), cria programas culturais como exposições, eventos e instalações e entre os quais *The Future Starts Here* (V&A, 2018) e *Eco Visionários* (Maat, Royal Academy e Matadero, 2018-19) ou a 5.ª Bienal de Design de Istambul (2020-21). É co-fundadora e directora do estúdio interdisciplinar *The Decorators* e Professora Auxiliar Convidada no Instituto Superior Técnico em Lisboa.

Dj set Pati Sol

Sábado, 4 Novembro 2023
19:00–21:00

Actividade Encruzilhadas Poéticas Dori Nigro

Sábado, 2 Dezembro 2023
15:00–18:00

Participação gratuita
Inscrições limitadas: publicos@sismografo.org

A partir da exposição de Dele Adeyemo, e após uma visita guiada, o artista e educador Dori Nigro traz-nos *Encruzilhadas Poéticas*. Este workshop teórico-prático propõe-nos reflectir criticamente o colonialismo e a colonialidade, partindo da plantação escravista como um dos temas problematizados na obra de Adeyemo. No sentido do rizoma e da cosmogonia iorubá, reflectiremos sobre práticas artísticas decoloniais como pedagogias de resistência que fazem crescer raízes em terra infértil. A partir do presente concreto, olharemos o passado para problematizar futuros possíveis, tecendo relações com criações contemporâneas que inscrevem novas narrativas.

Dori Nigro é performer e educador. Natural de Pernambuco, no Brasil, enveredou pelas artes pelo teatro amador comunitário e acedeu aos estudos através das políticas de quotas raciais. Actualmente, desenvolve investigação no âmbito do doutoramento em arte contemporânea na Universidade de Coimbra. Fez mestrado em práticas artísticas contemporâneas, especialização em arte-educação, bacharelato em comunicação social e licenciatura em pedagogia. É membro do colectivo Tuia de Artíficos e da União Negra das Artes (UNA).